O RELIGIOSO E O PROFANO NA FESTA DE SÃO BERNARDO EM ALCOBAÇA-BA (1990 - 2010)¹

Jonathan de Oliveira Molar
Ítala Serafim Almeida
(Universidade do Estado da Bahia)

RESUMO: O estudo em questão focaliza a festa religiosa dedicada a São Bernardo, em Alcobaça-Ba, comemorada no mês de Agosto, que teve início no ano de 1772. Apesar da citada festa apresentar mais de dois séculos de existência, a pesquisa visa analisar as transformações ocorridas na mesma, seja em seu rito religioso, seja em seu viés comercial a partir da década de 1990 até 2010, investigando assim, até que ponto a festa de São Bernardo inseriu-se ou não no contexto neoliberal de ideias e práticas socioeconômicas. No desenvolvimento desse estudo foram feitas entrevistas com os membros da comunidade, coletando dados históricos pertinentes ao tema, portanto, faz-se uma análise dos aspectos relacionados aos processos de rupturas e continuidades, apresentando as (re) significações culturais no cenário religioso e profano da comemoração dedicada ao padroeiro.

Palavras-chave: Festa de São Bernardo; Profano; Sagrado.

ABSTRACT: This study focuses on the religious festival dedicated to São Bernardo, in Alcobaça-Ba, celebrated in the month of August, which began in 1772. Despite the cited party submits more than two centuries of existence, this research aims to analyze the changes occurring in it, either in their religious rites, is in its commercial bias from the 1990s to 2010, this time, intensification of neoliberalism and globalization in Brazil, thus investigating the extent to which the feast of São Bernardo was inserted or not in the context of socio-economic ideas and practices. In developing this study interviews were conducted with community members, collecting historical data relevant to the theme, therefore it is an analysis of the processes related to ruptures and continuities, with the (re) cultural meanings in the religious and the profane celebration dedicated to the patron.

Keywords: Party of São Bernardo; Profane; Sacred.

INTRODUÇÃO

Desde o século XX, o campo historiográfico passou por transformações expressivas, uma vez que, expandiu seu campo de atuação e incorporou o estudo de temas contemporâneos, abrindo assim, espaço para novos objetos e pesquisas interdisciplinares com outros campos do conhecimento, em muito influenciado pelos Annales e, mais tarde, a Nova História francesa e a Nova Esquerda inglesa. Nesse sentido, a História Cultural ganhou um novo impulso, ainda mais, entre os anos de 1970 e 1980 quando passou a ser estabelecido pelos historiadores o contato com a Antropologia e a Sociologia, ampliando assim, o próprio conceito de cultura.

Dessa forma, os estudos sobre as festas religiosas surgiram em decorrência da interdisciplinaridade inserida na História Cultural, pois, as manifestações culturais foram valorizadas por tratar-se de ótimo caminho para se conhecer uma coletividade, suas identidades, seus valores e seus conflitos. Para Del Priori (2000) a festa possui um rico material folclórico que permite aos historiadores refletirem sobre as abordagens e os métodos para investigar a “cultura do povo”, aprofundando o conhecimento coletivo e as constantes readaptações assumidas pela sociedade brasileira ao longo das décadas.

Assim, faz-se necessário para esse estudo esclarecer que durante o processo de formação da nossa sociedade, segundo Del Priore (2000), a “festa” foi um importante meio para construção das relações sociais entre a população, além disso, tornou mais fácil a introdução de símbolos estrangeiros que foram sendo incorporados ao cotidiano desde a “ocupação da nova terra”.

Nesse sentido, as comemorações em honra ao padroeiro de Alcobaça-Ba, São Bernardo de Claraval, torna-se a temática a ser analisada nesse artigo, pois, constitui-se como uma tradicional festa religiosa ocorrida anualmente na Bahia. A comemoração religiosa dedicada ao santo acontece há dois séculos² em Alcobaça, localizada no Extremo Sul da Bahia, situada mais especificamente a 830 km da capital Salvador. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2010 o município possuía vinte e um mil duzentos setenta e um habitantes. Ainda segundo dados obtidos do IBGE 2010:

No ano de 1752, Antônio Gomes Pereira e Antônio Mendes, procedentes de Caravelas (município), estabeleceram-se com suas famílias à margem esquerda do rio Itanhém, em terrenos da sesmaria do Capitão Francisco Martins Pereira. Formou-se o povoado de Itanhém. (IBGE, 2010).

Os dois moradores provenientes de Caravelas se mudaram para uma região rica em madeiras de tipos variados, as margens do Rio Itanhém, dando início a um “assentamento”, que depois se tornou o “arraial de Itanhém”. Vinte anos depois, já havia aproximadamente 460 habitantes, esse crescimento populacional no arraial de Itanhém justificou a decisão de El-Rei D. José I de ordenar ao ouvidor da capitania de Porto Seguro, José Xavier Machado Monteiro, que elevasse o arraial à categoria de vila - a vila de Alcobaça - fundada em 12 de Novembro de 1772. O nome “Alcobaça” homenageava uma cidade portuguesa, de acordo com Said (2010, p. 18):

Um dado importante que o governo mandava cumprir na criação das novas vilas era que deveriam ser criadas vilas nos locais onde já haviam aldeias “domesticadas”, isto é, com habitantes civilizados. Mas essas aldeias, que em geral tinham nomes indígenas deveriam ser transformadas em vilas com nomes não-indígenas, iguais aos de cidades e vilas de Portugal.

A relação religiosa entre os moradores e São Bernardo de Claraval³ já existia antes mesmo dessa ser elevada à categoria de vila. O santo desde o período de povoamento de Alcobaça representava um sentimento de proteção e passou a desempenhar um papel muito importante na vida dos moradores desse local. Said (2010) exemplifica a importância dada pelos devotos ao santo com base na escolha dos nomes das crianças batizadas entre os séculos XVIII ao XXI em que se encontram derivações ou referências ao nome Bernardo, por exemplo: Bernardino, Bernarda, Bernardina etc.

Nesse propósito, o objetivo geral desse trabalho é compreender os processos de rupturas e continuidades na celebração da festa de São Bernardo em Alcobaça – BA, focando principalmente, nos aspectos profanos da festa, pois, o ritual religioso alterou-se muito pouco durante o recorte temporal da pesquisa, ou seja, o período de 1990 a 2010. A escolha dessa temporalidade se justifica porque nestas décadas as atrações comerciais (profanas) realizadas pela organização municipal passaram a repercutir com maior intensidade na cidade juntamente com a tradicional festa do santo na Igreja Matriz de São Bernardo.

Dessa forma, a pesquisa sustenta-se a partir de revisão bibliográfica, buscando compreender através de vários autores o universo das festas religiosas que dialogam com elementos profanos. Além dos estudos bibliográficos, utiliza-se também os estudos de preservação da memória popular, sobretudo, a História oral, para Marc Bloch (2001, p. 17), a memória “é uma das principais matérias-primas da história”. A História oral é relevante para a tecitura de uma leitura do social com o auxílio da oralidade, tornando possível que as pessoas que vivenciaram algum fato ocorrido saiam do anonimato dando informações que, segundo Petruski (2008, p. 20) “[...] não estão guardadas em arquivos ‘oficiais’, mas sim na memória, na trajetória e história de vida de pessoas ditas comuns”.

Para tanto, o objeto de estudo foi analisado por meio da História Oral com a realização de 11 entrevistas feitas com moradores da cidade de Alcobaça-Ba. Os entrevistados foram selecionados tendo como pressuposto o envolvimento direto ou indireto para com a Festa de São Bernardo – organizadores, fogueteiro, padre, frequentadores etc. – pois, dessa maneira, colaborariam com informações que poderiam ser adicionadas ou confrontadas com outras provenientes da historiografia. Apesar da dificuldade em encontrar documentos sobre o tema

pesquisado, nesse trabalho também foram utilizados - folhetos, hinos e ladainhas utilizados nos rituais religiosos.

FESTA POPULAR: ENTRE A HISTÓRIA, O RITO E A TRADIÇÃO

As festas ocupam lugar privilegiado nas sociedades desde tempos remotos, nos livros da Bíblia Sagrada, por exemplo, o termo festa aparece com frequência, podendo ser traduzido como cerimônia, celebração, participação e descanso. Já no dicionário, a palavra “festa” é definida como: “reunião que visa ao divertimento, solenidade, dia santo”, Ximenes (2000, p. 433). Por meio das leituras historiográficas sobre o tema aqui proposto, foi possível perceber que não é tarefa fácil conceituar “festa” em decorrência de suas complexidades. Nesse sentido, há tentativas para explicá-la, contudo, Amaral (2001, p.19) evidencia que a festa é um tema de estudo existente em “[...] nossa civilização há dois ou três séculos. sem resposta”. Assim, descreve a necessidade em admitir que:

[...] existe alguma coisa em jogo, na festa, que impede que se busque sua “essência” comum em todas as culturas e ao mesmo tempo comum a todas as festas. Uma festa não se permite confundir com outra, embora seja fácil reconhecemos os traços que as irmanam. (AMARAL, 2001, p. 20)

Historicamente no Brasil, de acordo com Del Priore (2000, p. 13) “a festa nasceu das formas de culto externo, tributado geralmente a uma divindade protetora das plantações, realizado em determinados tempos e locais”, além do mais, Del Priore aponta que as festas foram bem evidenciadas na cultura brasileira, pois, no período colonial eram importantes para a construção das relações sociais entre os habitantes da colônia, tornando mais fácil a introdução de símbolos que foram sendo incorporados desde o início do processo de colonização. Todavia, Amaral (2001, p. 20) esboça perspicaz apontamento no que tange ao encontro entre a cultura europeia e a indígena, afinal, a primeira permeou a segunda, bem como a segunda permeou a primeira:

[...] Junta-se a isto a necessidade de estabelecer mediações entre natureza local e o instrumental cultural dos colonizadores, entre etnias, mitos e tempos históricos diversos, o que a festa teria o poder de fazer ao estabelecer uma linguagem possível para o diálogo entre os muito diferentes [...]. (AMARAL, 2001, p. 20)

Por se tratar de um acontecimento excepcional, surpreendente e que possui a capacidade de interligar as pessoas e suas diversidades culturais, as festas representam temáticas e objetos de estudos importantes a serem estudados, discutidos e socializados, tendo em vista que as mesmas fazem parte da História Cultural do Brasil. Atualmente, a festa ocupa um espaço significativo nas cidades brasileiras, por meio dela, é possível atualizar, ritualizar e celebrar as experiências sociais e as representações de identidades locais. Entre essas características, a festa pode ser apropriada como maneira de “afirmação das particularidades ou singularidades” de um determinado local.

Outro aspecto que deve ser evidenciado é que toda festa tem sua maneira singular de ser organizada, essa organização é um tipo de “ritual” que contém fases e símbolos próprios, são marcas que se repetem a cada período festivo. Os elementos de significação, expressos através dos ritos que fundamentam a festa - a alimentação, a música, a dança etc. - quando transmitidos por meio de práticas reiteradas para as gerações seguintes carregam consigo a marca de uma tradição, visto que a “tradição” é compreendida aqui como a transmissão de práticas ou de valores de um povo, algo que é seguido com respeito através das gerações. Bornheim (1987, p.18), explica o sentido da palavra com as seguintes colocações:

A palavra tradição vem do latim: *traditio*. O verbo é *tradire*, e significa precipuamente entregar, designa o ato de passar algo para outra pessoa, ou de passar de uma geração a outra geração. Em segundo lugar os tradicionalistas referem a relação do verbo *tradire* com o conhecimento oral e escrito. Isso quer dizer que através da tradição algo é dito e o dito é entregue de geração a geração. De certa maneira, estamos, pois, instalados numa tradição, como que inseridos nela, a ponto de revelar-se muito difícil desembaraçar-se de suas peias.

As tradições e celebrações podem, todavia, serem renovadas com o passar dos tempos, pois, incorporam novos significados, traços culturais e novas simbologias, algumas inclusive, são modeladas de acordo com o momento histórico que está sendo vivenciado, não há imutabilidade absoluta no campo das festas que resista à temporalidade. Ferretti (2007, p. 1-2) explica que:

A festa religiosa ocorre em determinados momentos do calendário da comunidade e se repete periodicamente. Constitui oportunidade para expressar a capacidade de organização, a criatividade popular, a devoção, o lazer e para se constatar o sincretismo religioso. Nas festas a comunidade se revitaliza, se recria, se encontra e se vê como um todo. Em algumas regiões como no Nordeste do Brasil [...] as festas populares são importantes e frequentes, ocorrendo ao longo de quase todo o ano civil.

Assim, a rotina do cotidiano e as representações sociais – no campo político, econômico e cultural - ao longo dos anos, engendra para os organizadores e para participantes das festas a mescla entre elementos que são preservados e outros atualizados. Nesse sentido, quanto aos termos sagrado e profano, os quais vem sendo utilizados desde o início do presente texto, é interessante frisar que segundo Marchi (2005, p.37):

[...] sagrado deriva do verbo latino “sacer”, isto é, designa o que não pode ser tocado, que é querido dos deuses, santo, venerável. Contempla a ideia de “sanctus”, que corresponde ao que é tornado sagrado, inviolável, respeitável, virtuoso, poderoso. [...] A religião judaica introduziu a contraposição entre “sagrado” e “profano”. Esta contraposição foi incorporada pelo cristianismo acrescentando-lhe a ideia de santidade de Deus e a de pecado.

Desse modo, compreende-se sagrado como os atos inerentes ao culto religioso e profano como as atividades que emergem em torno e ao redor do núcleo religiosa. Eliade (2008, p. 79) discute a festa religiosa como um tempo sagrado e que, na maioria das vezes, ocorre periodicamente pela fé em um santo ou santa, já o tempo profano é desprovido de sacralidade e suas ações são promovidas sem a utilização direta da liturgia religiosa, figurando como prática socializadora que acontece pela temática sacra, porém, regido com autonomia relativa desta.

De uma maneira geral, os festejos religiosos, podem ser tidos como celebrações, renovação das crenças e dos compromissos com a divindade homenageada. Para algumas pessoas, são momentos de respeito, de seriedade, de expressar a fé; para outras, momento de diversão, descontração, alegria e lazer. Em síntese, a noção de festa religiosa não deve ser apreendida de forma atemporal, afinal, as transformações engendradas ao longo das décadas nos demais aspectos sociais – econômico, político, cultural etc. – não podem ser desprezados e acabam por interferir na cena religiosa.

A FESTA DE SÃO BERNARDO DE CLARAVAL: ENTRE O RELIGIOSO E O PROFANO

Apesar dos longos anos de comemorações religiosas dedicados a São Bernardo, mais de dois séculos, cabe frisar que os estudos feitos nesse trabalho, a partir das memórias dos entrevistados⁴, mostraram que, ao longo do último quartel do século XX e início do XXI poucas mudanças foram realizadas na estrutura da festa religiosa. Portanto, os seguintes

relatos sobre a organização, símbolos, ritos e tradição da festa dizem respeito à contemporaneidade, mais precisamente, aos anos de 1990 a 2010 no que tange aos aspectos profanos (comerciais e de diversão) dessa festividade, espaço esse no qual se encontram maiores transformações.

Desse modo, segundo Ortiz (2003) desde a segunda metade do século XX houve mudanças significativas nas expressões culturais, devido ao nascimento de uma sociedade capitalista e que, com o passar dos anos, foram intensificando processos modernizadores que envolveram não só as estruturas sociais e econômicas, mas também religiosas - por ser aqui entendida como parte da expressão cultural de um povo. No Brasil, essas questões se acentuaram ainda mais a partir da década de 1980, influenciando de maneira intensa o contexto contemporâneo, cuja sociedade estava e está mais exposta às condições propostas pelo sistema neoliberal.

A partir das proposições tecidas por Ortiz, pode-se dialogar com a questão religiosa e o contexto contemporâneo socioeconômico do país. Nesse diapasão, é como cenário da vida social que Alba Zalluar (1983) analisa as festas de alguns santos em quatro localidades distintas do território brasileiro, mostrando o que há em comum entre essas festas; entretanto, Zalluar faz referência ao passado, destacando o que a festa significava no domínio da vida rural do Brasil em paralelo ao que ela se tornou no Brasil urbano dos dias atuais, devido ao modo de produção capitalista ter passado a regular todas ou quase todas as relações sociais de produção da vida material e, com elas, a produção simbólica.

Antes de ingressar na esfera econômica da festa, vale explicitar a partir de informações obtidas através de algumas falas dos moradores de Alcobaça, o ritual religioso e social da festa de São Bernardo que se iniciou no dia 8 de agosto com a lavagem da igreja para receber os fiéis e visitantes em geral e se estende até o dia 21 do mesmo mês, com missas, novenas e procissões. De acordo com Frei Moises José Bastos (2009), um dos párocos que presidiu a Paróquia de São Bernardo, há dois momentos para a celebração do padroeiro:

[...] o histórico, com a chegada dos primeiros fundadores da cidade e a criação da vila em 1772; e o religioso, quando foi nomeado o padroeiro. A festa simboliza esse momento cívico e histórico de fundação da cidade e também do início da vida religiosa do povo ao redor de São Bernardo”. (BASTOS, 2009, p.21).

Nessa festa católica em louvor a São Bernardo, o que prevalece é a sequência dos ritos religiosos católicos e cerimônias que são realizadas pelos sacerdotes dentro da igreja matriz. Nessa perspectiva, Petruski (2008, p. 244) afirma que:

Os rituais são responsáveis por perpetuar a simbologia religiosa e estão presentes nas etapas que compõem as festas, sendo utilizados pela Igreja como instrumento de fazer-se lembrar, de ‘tornar-se presente’. Sua execução se fundamenta na necessidade de se reiterar a continuidade entre o momento presente e a tradição criada na sociedade, para situar os indivíduos num contexto que transcende a todos, inserindo os moradores de uma localidade numa rede de sinais que os coloca frente a frente com diversos segmentos sociais e instituições.

Assim, como parte dos rituais simbólicos que compõem a festa da Igreja, tradicionalmente na noite do dia 10 de Agosto há uma celebração solene que simboliza a abertura da festa, nesse dia é convidada pelo pároco toda a comunidade alcobacense para participar dos festejos religiosos dedicados ao santo. Além disso, na mesma missa há uma apresentação dos membros da comissão festiva religiosa que anualmente são escolhidos ao final de cada festa.

A análise da entrevista do Sr. J.N⁵. possibilitou saber como são escolhidos os organizadores da festa. Segundo o entrevistado, os interessados em fazer parte da comissão organizadora da festividade do próximo ano se apresentam para a comissão atual e para o padre responsável pela paróquia. Ele ainda acrescenta que:

A comissão é formada por pessoas da comunidade que queiram fazer a festa no ano seguinte; e não tem número limitado não; esse ano mesmo são vinte duas pessoas, como pode ser cinco, como pode ser oito, não tem número sabe? Pessoas que queiram assumir.

Desse modo, as pessoas que compõem a comissão de festa (festeiros) de cada ano são as responsáveis por direcionar as medidas administrativas e financeiras em relação a festa religiosa, entre elas: recolher as doações, fazer as distribuições dos dias das novenas, organizar a recepção de visitantes de fora, comitivas, filarmônicas etc. Destarte, as pessoas da comunidade que compõem a comissão festeira também contam com a participação efetiva do pároco e de alguns membros da irmandade de São Bernardo⁶.

É importante salientar que ser festeiro na festa de São Bernardo significa estar em destaque, pois, de acordo com a fala de L.A.⁷ o nome é citado em propagandas de rádio, cartazes, panfletos, pelos celebrantes durante as missas, ou seja, a comunidade alcobacense

em geral enaltece a participação dos componentes. Os festeiros se articulam apresentando para a cidade programações e atrações diferenciadas visando despertar o entusiasmo dos fiéis, desse modo, a escolha dos festeiros envolve questões de prestígio social, mas também de manutenção da tradição, para Vieira (2006, p.37):

Os ritos são sempre expressão consentida e reconhecida de valores e símbolos, consolidando a comunidade e serve de veículo de transmissão a outros das formas de viver e de entender a vida, que dão continuidade à comunidade e perpetua a sociedade (...)

Cabe destacar o espírito competitivo dos festeiros para superar a cada ano as festas anteriores. Os gastos em excesso também prejudicam as contribuições dos fiéis em prol da Igreja Matriz, pois, grande parte do que é arrecadado é utilizado para organizar a festa religiosa e isso acaba gerando insatisfações entre alguns membros religiosos, o que é perceptível na fala seguinte:

[...] então o pessoal da comissão da festa muitas vezes tem uma tendência de ter uma festa que é a festa a mais, gastam também né, chama, por exemplo, três bandas de música, em tudo nós temos aqui uma banda de música que toca bem, mais não! tem que ser três! tem que ser uma de Nova Venécia, uma de Prado, tem que ser uma daqui, e uma de Itamaraju e não sei o que, fazem despesas né. Então a comissão às vezes tem uma tendência de fazer muita despesa para superar a festa do ano passado, com mais aquilo! mais outra coisa! mais no seu que né! mais tiros, mais gastos com estas coisas e para a igreja fica nada. O pessoal não tem este sentimento não é; em fazer uma coisa que ajuda a igreja a comunidade, mais é mais o esplendor da festa e da comissão da festa⁸.

As tarefas a serem desempenhadas requerem um comprometimento maior dos organizadores com relação a paróquia no que diz respeito à contribuição de valores. Segundo os relatos do Sr. J.N., a organização da festa religiosa em comemoração ao padroeiro reúne tradicionalmente, todos os anos, várias pessoas, entre elas: jovens, adultos e idosos que contribuem voluntariamente com a participação na organização da festa e na arrecadação de valores através de atividades e eventos propostos e orientados pela comissão festeira – indo do início das novenas ao final das celebrações semanais ocorridas na cidade.

Para Mary Del Priore (2000), que fez estudos sobre as comemorações festivas desenvolvidas no Brasil colonial, aponta que esse momento festivo pode ser entendido também como uma maneira de apresentar a criatividade da comunidade devido aos esforços coletivos dos envolvidos em sua realização. O Sr. J.N. explica que, em relação a arrecadação

de recursos destinados ao evento, ocorre todos os anos sob a forma de mutirão, organizado pela comissão em uma ação partilhada com pessoas da comunidade que se dispõe a colaborar com a festa durante o ano. São realizados bailes, bingos, leilões, listas de arrecadação, rifas, campanhas - como a “Campanha do Real” - que é tradicional e realizada através de uma lista com o nome das famílias católicas que fazem a doação de um real mensal ao longo do ano.

As diversidades de rituais católicos presentes nesses momentos sagrados acontecem com auxílio de símbolos com significados relacionados à história religiosa e da comunidade alcobacense. Alguns exemplos dos rituais fixos que compõe as novenas são os Hinos e as Ladainhas que constam nos folhetos da celebração de cada ano, entre os tradicionais estão: os hinos de São Bernardo, o hino de Alcobaça, a Ladainha de Nossa Senhora em Latim, entre outros. Em consonância, para Noronha (2009, p. 22):

A festa se faz presente em todas as sociedades, seja ela, celebração, comemoração, fruição, diversão, espetáculo, ritual, brincadeira, investimento, trabalho, religião. Inúmeras são as festas, ao mesmo tempo em que são únicas, singulares. Cada uma delas exprime o modo de viver dos grupos sociais, que nelas produzem e reproduzem sentidos e significados diversos. Desse modo, diz de nós mesmos, de nossas sociedades e das relações que as pessoas estabelecem entre os grupos com seus mitos, com o sagrado, o simbólico, uma ancestralidade, a historia [...].

Segundo relato de J. N., outro momento simbólico nos festejos religiosos dedicados a S. B. acontece na madrugada do dia 11 de agosto, às 5 horas da matina, quando o sinaleiro escolhido pelos organizadores da festa repica os sinos da igreja matriz de São Bernardo anunciando o início das novenas em honra ao excelso padroeiro, juntamente com a banda Lira de São Bernardo de Alcobaça que percorre algumas ruas da cidade, acompanhada pela queima de fogos de artifícios.

Ao meio dia os sinos tocam e há novamente a queima de fogos para festejar a chegada da festa tão esperada. Todo esse ritual é repetido anualmente a partir do dia 11 até o dia 19 de agosto. Amaral (2001) expõe que a queima de fogos de artifício durante as comemorações religiosas é uma das tradições seguidas no Brasil desde boa parte do período colonial, por volta do século XVII. Em Alcobaça, nos cortejos a São Bernardo, a queima de fogos é uma tradição importante, recorrente há várias décadas (de acordo com as falas de alguns entrevistados e de conversas informais tidas com alguns moradores da cidade). A fala de D.B.S. explicita bem a importância dos fogos no contexto da festa do padroeiro, ele diz: “[...] se ele for tirado, de dentro da programação da festa de São Bernardo, vai deixar um vazio! É

como se fosse um membro do corpo da festa; e se for tirado dessa participação, agente vai ver que na festa vai ficar um vazio!”⁹.

Segundo Frei E. H., de 1990 até 2005, havia do dia 11 ao dia 19 missas das 19:00 às 20:30 hs e em seguida as novenas das 20:30 as 22:00 hs, destarte, em decorrência dos momentos litúrgicos da missa, as novenas tinham tempo reduzido e acabavam extrapolando o horário, mas, a partir de 2005 quando foi nomeado um novo Bispo (Dom Carlos Alberto) ocorreram mudanças, pois, por uma norma da diocese, a noite só poderia haver as novenas e a missa só aconteceria quando a novena ocorresse aos domingos, pois, a missa no domingo já é uma norma da diocese. Frente a essas mudanças, estão também outros momentos litúrgicos posteriores a 2005, por exemplo: as leituras do evangelho eram feitas utilizando a bíblia sagrada, atualmente, a primeira e segunda leitura são feitas no panfleto dominical pelo grupo litúrgico e somente o evangelho é lido pelo sacerdote.

Décadas atrás, as missas eram cantadas em latim, língua oficial da liturgia da Igreja Romana, porém, com o passar dos anos foram sendo adaptadas em sua maior parte para o português, mas, a ladainha de nossa senhora e o Hino de louvor ao santíssimo sacramento em contradição com as prescrições da Constituição “Sacrosanctum Concilium” sobre a Sagrada Liturgia (SC) promulgada pelo Concílio Vaticano II, permaneceram em latim (Gamber, p. 42, 2009).

A partir do exposto e dos estudos sobre festas religiosas que acontecem no Brasil, é notório que essas etapas religiosas acontecem com regras eclesiais e com variações em seus rituais. Todavia, de modo geral, observa-se que foram poucas as transformações ocorridas no rito religioso da festa em louvor a São Bernardo nas últimas décadas, algumas delas em consonância com o Concílio do Vaticano II, outras preservando a herança histórica regional da festa.

Os apontamentos aqui esboçados dos aspectos religiosos e litúrgicos da festa de São Bernardo desvelam a permanência da tradição, isto é, da manutenção dos atos ritualísticos observados há séculos e realizados anualmente, entretanto, a questão profana, a cada nova realização da festa, principalmente, nas últimas décadas do século XX vem ganhando espaço, desse modo, inferiu-se no histórico contemporâneo desse evento não só a presença de ritos religiosos e a forma com que estes se entrelaçam ao social, mas também, a demarcação de práticas comerciais na festa - a princípio sobre o controle dos organizadores da festa religiosa e, com o passar dos anos, como será explicitado mais adiante, redefinida pela administração do município. Segundo D’Abadia e Almeida (2009, p. 75):

[...] em alguns casos a tradição seja levada a uma (re)significação. Mediante a ideia do sujeito fragmentado na pós-modernidade, a individualização das experiências religiosas possibilita diferentes vivências num mesmo evento. A festa religiosa na pós-modernidade conserva e inova na medida em que é capaz de abrigar diferentes percepções de gostos festivos.

Em sentido próximo, para Amaral (2001), as festas parecem mesmo oscilar entre esses dois extremos, isto é: a cerimônia como uma maneira de se externar regularmente um culto e a festividade onde se demonstra a alegria e regozijo; pode-se considerar então o duplo aspecto da festa religiosa, uma vez que a mesma se refere há algo sagrado ou sacralizado, porém, com a presença de comportamentos profanos.

De acordo com relatos da senhora L.A., a festa de caráter comercial dedicada ao público em geral, teve início anos antes da década de 1980, nas imediações da Igreja Matriz de São Bernardo, em frente a Praça José Porfírio. Foi a partir dessa década que esses eventos comerciais se tornaram mais intensos, com quermesses, barracas de bozo¹⁰ e comidas típicas, havia também outras atividades que aconteciam em cima de um palco de madeira improvisado pelos organizadores do evento, entre elas: rifas, bingos, leilões, show de calouros. Tais acontecimentos eram feitos pelos organizadores da festa religiosa de cada ano, no intuito de angariar fundos em benefício da festa dedicada ao padroeiro São Bernardo e também à Igreja Matriz.

A Sra. L.A. esclarece que, durante os anos oitenta, essa maneira de arrecadar vantagens para manter o esplendor das comemorações em prol da Igreja e do santo era realizada sem excessos, não havia a venda de bebidas alcoólicas e a apresentação de bandas musicais com temáticas não religiosas na Praça da Igreja. Nesse mesmo período, além da quermesse e as atividades já descritas, também acontecia o baile no clube municipal em frente à praça “Padre José Porfírio” nos dias 18,19 e 20, com bandas regionais para a diversão dos jovens e adultos.

Esse baile também era organizado por algumas pessoas responsáveis pela festa religiosa, juntamente com alguns integrantes da banda filarmônica da cidade, e sem o auxílio da administração municipal. Nesse espaço fechado, aí sim havia a venda de bebidas alcoólicas, diferente do local onde acontecia a quermesse.

Durante a década de 1990 algumas atividades comerciais organizadas pelos responsáveis pela festa religiosa e demais parcerias nas imediações da Igreja Matriz foram se perdendo, por exemplo, a quermesse, os concursos e os shows de calouros, já outras como: as rifas, bingos e leilões continuaram a ocorrer no mesmo local e em prol do evento religioso. O

baile continuou a existir, porém, sobre a organização de pessoas alheias à construção do evento religioso. A partir de então, esse espaço em frente a Praça da Igreja Matriz, onde se realizavam as atividades econômicas destinadas à festa religiosa, passou a ser utilizado pela administração da Prefeitura do município como um local para a promoção de uma festa com características estritamente comerciais. Esse evento acontecia nos dias 19, 20 e 21 de Agosto nos principais dias da festa da Igreja.

A organização dessa festa isenta diretamente de símbolos sagrados, fazia alusão às comemorações ao padroeiro da cidade. Eram oferecidos shows com bandas locais e regionais variadas, despertando o interesse participativo da população em geral e de visitantes de outros locais que passaram a frequentar a festa. Nesse ínterim, eram reservados também momentos para o sorteio de bingos e rifas organizado pela comissão festeira religiosa em benefício da festa que acontecia na igreja.

Essa programação festiva impulsionou o comércio de bebidas alcoólicas e de produtos variados, vendidos nas barracas que, inclusive, pagavam uma taxa pelo aluguel do espaço para a Prefeitura. As barracas eram montadas próximas a Praça da Matriz durante o período da festa religiosa dedicada ao padroeiro e aos fiéis. Os lucros arrecadados durante esse evento eram revertidos para os cofres do município, para os comerciantes envolvidos na festa da rua e para os festejos religiosos através das atividades comerciais que eram feitas pelos organizadores. Em sentido próximo, Canclini (1983, p. 113) enfatiza que a maioria das festas que ocorrem nas cidades são desenvolvidas em datas “arbitrárias” e quando aderem “ao calendário eclesiástico” a estrutura segue uma lógica mercantil que transforma o motivo religioso num pretexto, pois, ao invés da participação comunitária, é proposto um espetáculo para ser admirado.

A religiosidade e a festividade tradicional em honra a São Bernardo passou a servir como o pilar de sustentação para o evento da rua e essa adaptação se fez necessária para atrair mais pessoas, resultando em sua composição atual. Desse modo, Ferreira salienta que os processos de transformações modernizadoras que permearam o âmbito das festas religiosas acarretaram em transformações destas em um espetáculo grandioso com aspectos mundanos e lúdicos, fugindo muitas vezes do fator religioso em si. Todavia, segundo Ferreira (2001, p.15) para entender a cultura que envolve o evento festivo em questão, é preciso “[...] ter presente a força do mito como um dado concreto”.

Para tanto, os estudos sobre a organização da festa comercial de São Bernardo, no município de Alcobaça-Ba, mostram que o contexto da mesma dependia e ainda depende

muito da influência de cada administração do município, essa afirmativa parte do que foi exposto pelo Sr. D.S.M., segundo ele:

[...] antes a festa era em frente à igreja; depois de 2004 quando [...] assumiu a prefeitura, que a festa da rua, passou a ser na Praça da Cacimba do Conselho. E nos quatro anos que ele foi prefeito, as taxas de alvará, que eram cobradas das pessoas que colocavam as barracquinhas eram dadas para igreja para colaborar com a festa da Igreja!¹¹.

Segundo o Sr. D.S.M. nos quatro anos de mandato desse mesmo prefeito mencionado em sua fala, havia na praça uma programação que era organizada, tanto com a presença de shows de bandas locais, quanto de outras regiões, com estilos fora do contexto religioso, como também, atrações católicas - shows de bandas católicas, de padres cantores, apresentação de corais - inclusive, contando com a participação de corais católicos infantis e de adultos de outras cidades.

A partir de 2008 a prefeitura já estava com uma nova administração e, conseqüentemente, com novos organizadores da festa comercial “dedicada” ao padroeiro, desse modo, esta passou por outras modificações que na presente pesquisa não serão descritas com o suporte de documentos escritos, pois, apesar das várias tentativas feitas para se ter acesso aos dados correspondentes às festas comerciais realizadas pela prefeitura no período estudado não foi possível, pois, o arquivo municipal segundo a responsável pelo mesmo estava sendo (re)organizado. Entretanto, serão descritas através da oralidade de pessoas que vivenciaram ou presenciaram esse período histórico.

De 2008 em diante a festa comercial ganhou nova roupagem, as atrações continuaram sendo realizadas na Praça da Cacimba do Conselho, próxima da Igreja Matriz, porém, com atrações completamente fora do contexto religioso. As bandas contratadas eram algumas bandas locais, regionais e outros cantores de sucesso nacional como: Reginaldo Rossi, Agnaldo Timóteo e Amado Batista. O depoimento a seguir concedido pela Jovem M.F.da C.¹² mostra esse distanciamento que ocorre na atualidade entre a festa da rua alusiva a São Bernardo e a festa da igreja:

[...] a que é feita dentro da igreja tá muito distanciada da que é fora, por que, antigamente, agente ainda via a participação no evento de bandas religiosas tal, e hoje não! é mais bandas de sucesso, com uns estilos, sabe, que não tem nada a ver com a igreja.

A moradora J.R.R. é contundente ao dizer a respeito dos significados contraditórios de ambas as festas dedicadas ao santo:

[...] as duas festas de São Bernardo, são bem contraditórias, pois uma tem um significado que é assim da religião, da cultura da cidade; e a outra não, a outra como um meio de ganhar dinheiro, não só o prefeito, mas, as pessoas que trabalham, que colocam barracas para ganhar um dinheiro a mais.

A estrutura montada na praça desde então é bem maior, as barracas de bebidas e comidas passaram a ser todas padronizadas e alugadas para os comerciantes locais e de outras cidades vizinhas. J.R.R.¹³. por exemplo, descreve a respeito desse fato: “[...] tem pessoas daqui, e também de fora, que utilizam da festa é; para ganhar um, um troco a mais como dizem, que é sempre bom! que é sempre bem vindo! Minha avó mesmo, todo ano, ou coloca um isopor com bebidas para vender”.

Com toda essa nova estrutura, os festejos da rua passaram a atrair milhares de visitantes de outras regiões e cidades circunvizinhas superlotando toda área onde o evento ocorre. Essas atrações na atualidade têm repercutido na cidade com mais intensidade que a tradicional festa do santo na igreja, principalmente, entre os mais jovens que se dispersam do evento que acontece na igreja. A Sra. L.A. evidencia em sua fala:

[...] o prefeito tem feito uma festa para atrair mais os turistas, para trazer mais visitantes, é, tem trazido bandas pra rua pra atrair mais a população mais jovem. E essa festa religiosa lá da igreja, ela vem diminuindo a frequência dos jovens, os adultos e as pessoas de idade não, continuam com a festa e com a tradição de todo ano durante o dia onze ao dia vinte um, está lá na igreja, pras novenas, pra missa do dia vinte, pra missa do dia vinte um, pra procissão. Mas, os jovens tem diminuído sim a frequência, eles tem ido muito mais pras bandas e pras festas da rua do que pra festa da igreja.

Sobre o mesmo contexto evidenciado na fala de L.A., ou seja, a respeito das bandas com estilos musicais “modernos” existentes nos festejos da rua cujos jovens se identificam e influenciam na participação dos mesmos na festa religiosa, a jovem M.F. da C. expressa:

[...] as bandas hoje, são mais de pagode, de forró, bandas que estão fazendo sucesso, para agradar mesmo aos jovens, porque o jovem quer ir pra rua pra se divertir! é tanto que nas missas, a gente vê mais pessoas de idade, poucos jovens, só aqueles jovens mesmo que convivem durante todo ano que tão na missa; e até hoje assim, eu vou na missa mais porque é uma coisa assim que eu já fui criada dessa forma, mais que eu não tenho aquela vontade de ir na igreja não, eu vou mesmo, por que, se eu não for (risos), minha mãe não deixa eu ir nas festas na rua à noite.

A partir do que foi expresso pela jovem M.F. da C., entende-se que a festa de caráter religioso na atualidade é mais frequentada por pessoas mais velhas e que poucos jovens se fazem presentes nas celebrações eucarísticas, aqueles que frequentam criados dentro da religião católica, ou até mesmo, como a entrevistada, que vai ao evento da igreja contra a própria vontade para que a mãe não a impeça de ir à festa da rua. A jovem J.R.R. outra entrevistada, discorre sobre a sua participação nesses eventos festivos:

[...] assim, eu acho muito bonita as apresentações do coral, os fogos, toda aquela fé que as pessoas têm no santo, eu sou católica sempre fui criada nessa religião, mais assim, eu não sou devota de São Bernardo, acho muito bonito tal, hoje ainda eu vou né principalmente no dia vinte, nos outros dias não; a festa de São Bernardo lá da praça, sim, eu participo todos os dias que eu tenho possibilidade de ir, eu tô indo.

Nesse caso, a jovem J.R.R. apesar de se considerar católica, só comparece no dia principal, isto é, no dia do padroeiro - mesmo não sendo devota de S. Bernardo – porém, justifica a sua presença devido a beleza do evento e por ter crescido vivenciando essa tradição. A participação das pessoas com mais idade na parte religiosa da festa foi evidenciada nas falas dos entrevistados, assim, a Sra. L.O.S.¹⁴ em sua fala contrapõe sua visão à dos jovens, além disso, ela expõe a sua opinião a respeito do evento que há na Praça da Cacimba do Conselho:

Eu frequento a festa da igreja, porque eu sou católica, apostólica, romana e mariana, e sou também devota de São Bernardo, mas, a juventude olha mais a parte profana, vamos dizer né, eles gostam mais da praça de eventos, porque lá eles se divertem, ficam à noite toda brincando. Mas, é bom que tenha! é bom que tenha porque senão cai mais ainda... agora entro esses negócios de bebida, é mais como é que diga? Comércio, virou comércio, que cada qual quer tirar o seu pouquinho! E agente não pode dizer que não! Porque a época tem que ser aproveitada né.

No depoimento seguinte, a Sra. M^a do C.N.A.¹⁵ também enfatiza que frequenta mais a festa religiosa do que a festa da rua e percebe que ocorre uma disputa comercial entre os barraqueiros, no entanto, entende que essa comercialização no período festivo e na festa da rua já é uma tradição recorrente e que não pode acabar. Como exemplifica em seu relato:

[...] eu vou mais na festa de São Bernardo da igreja, eu não sou muito de ir na festa da rua, sabe? Mais é tudo bonita. E a festa de São Bernardo da rua é uma disputa que tem, de barraqueiros, de tudo, cada um vem, vender as coisas disputando quem vende mais. E também não pode acabar porque já é

outra tradição também, que o povo olha muito esse lado, para ir nas barracas, os barraqueiros que tem para comprar roupas, novidades e tem também as barracas de bebidas né.

Nas falas das últimas entrevistadas, percebe-se que elas participam tanto dos compromissos religiosos cumprindo suas devoções, como dos proveitos profanos - uma participa menos que a outra - porém, ambas servem para exemplificar como algumas pessoas aderiram ao evento comercial como um momento tão indispensável quanto o evento religioso. É como se os elementos “profanos” inseridos durante os dias de festa em honra ao padroeiro se misturassem e pertencesse de certo modo a mesma tradição festiva.

Os depoimentos dos moradores da cidade e frequentadores das festas dedicadas ao padroeiro São Bernardo ajudam a compreender como as situações inovadoras em um evento comercial amplo e com atrações diferenciadas (re)significaram a tradição dos festejos dedicados a São Bernardo e as relações econômicas existentes durante o período que esses eventos ocorrem na cidade. Nesse sentido, Noronha (2009, p. 22), afirma que “[...] a festa é muito mais do que a festa” e que não existe apenas uma festa, mais várias festas dentro de apenas uma, afinal, cada pessoa vive experiências individuais em um mesmo evento. Para cada um, o momento festivo contém atrativos e significados diferentes.

Apesar de alguns relatos terem apresentado certa crítica na reformulação das práticas comerciais intrínsecas no evento comercial, os entrevistados percebem a influência da mesma para colaborar com a economia local, pois, os lucros com o que é comercializado nesse espaço contribuem com a renda dos comerciantes da cidade. Compreendem também que pela grande proporção do evento, esse atrai visitantes de várias cidades viabilizando os lucros de outros comerciantes locais. Se, por um lado há essa compreensão, por outro a análise feita pelos moradores está pautada em observações pontuais, isto é, o ganho financeiro que dinamiza o comércio local, o sustento das famílias, o lazer etc.

Os depoimentos dos entrevistados não abarcam as questões políticas e econômicas mais abrangentes, principalmente, as que são mediadas pela Prefeitura e pelos organizadores daquilo que estamos chamando de festa profana. Nesse diapasão, o atual processo de modernização e globalização em que a festa se insere propõe reinvenções nas tradições populares, de acordo com Canclini (1989) a tendência do capitalismo é utilizar acontecimentos tradicionais como base decorativa para agregar nesses novos eventos a prática mercantil. Dessa maneira os significados culturais da festa religiosa dedicada a São Bernardo, por exemplo, servem como referência para manter as práticas atuais da festa “profana”. Segundo Micheloto (2008, p. 103):

A tradição também foi submetida aos mesmos critérios de avaliação e escolha racionais característicos da modernidade em geral. No atual contexto da modernidade, a “reflexividade”, que é a capacidade de reavaliar as experiências do passado, em função das exigências do presente e projetos futuros, à luz do conhecimento disponível, tem-se potencializado. Para se manterem, as tradições precisam “justificar-se”, exibir as suas razões de ser, tornarem-se plausíveis perante a sociedade.

Nesse sentido, as duas festas dedicadas ao santo expõem as contradições e as variadas nuances das mudanças culturais e econômicas trazidas com o advento da modernidade e que tem elaborado uma perspectiva de ações que redimensionam a importância da tradição religiosa.

Em suma, na manhã do dia 21 de agosto às sete da manhã ocorre a última procissão - somente com os fiéis acompanhando o santíssimo, não há nessa caminhada a presença dos santos da igreja - como acontece na tarde do dia anterior. Por fim, momentos após a benção do santíssimo são selecionados pelo pároco e comissão de festa atual os candidatos escolhidos para comporem o grupo organizador da festa do próximo ano. E, assim, o ciclo é renovado...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As festas em louvor aos santos católicos assumiram destaque diante de outras celebrações religiosas desde o princípio da ocupação e dominação do território brasileiro. Esse processo histórico religioso está inserido no contexto da tradição em celebrar o padroeiro da cidade de Alcobça-Ba, desde o ano de 1772. Dessa maneira, as celebrações dedicadas a São Bernardo no município correspondem a mais de dois séculos ao simbolismo da tradição cultural e religiosa local.

No entanto, a partir de estudos teóricos feitos durante a escrita desse trabalho, compreende-se que a tradição apesar de ser um elemento importante na cultura de um determinado grupo, não quer dizer que nela não seja possível agregar novos elementos dando um novo significado a mesma. Assim, as festas tradicionais, não resistem necessariamente às velhas formas, pois, elas também estão inseridas em um contexto histórico, econômico e social, passíveis de transformações.

Nessa compreensão, com os avanços modernizadores que foram surgindo em distintos contextos históricos, ocorreram mudanças significativas na estrutura festiva religiosa do município, nem tanto no que diz respeito aos rituais sagrados dedicados ao padroeiro, mas,

principalmente, nos eventos desprovidos de sacralidades que foram sendo legitimados ao longo dos anos, utilizando o momento da homenagem ao padroeiro como artifício para arrecadar, em um primeiro momento, lucros pelos festeiros em prol do esplendor da festa e, posteriormente, nos últimos festejos, pela administração municipal visando o turismo e a economia não só local.

Dessa forma, com base nos depoimentos recolhidos nota-se que as opiniões que foram sendo manifestadas em relação à participação das pessoas no evento comercial que acontece atualmente na Praça da Cacimba do Conselho e também no evento da Igreja Matriz de São Bernardo diferem. Em alguns casos há os que dizem que a festa “profana” passou a ser um evento muito mais frequentado, tanto por pessoas da comunidade como por milhares de visitantes de outras cidades, se destacando e sendo mais “procurado” do que o evento “sagrado”; entretanto, há os que disseram que a festa religiosa tem crescido com o passar dos anos, aumentando assim, o número de participantes.

A partir do que foi exposto e das entrevistas feitas para essa pesquisa, conclui-se que todos os entrevistados participam das comemorações dedicadas a São Bernardo de alguma maneira: há aqueles que se interessam exclusivamente pela festa religiosa expressando sua fé, há os que frequentam as duas festividades dedicadas ao santo, percebendo-as como tradições que fazem parte da cultura local e há os jovens que comparecem pelo esplendor do evento, pelo costume familiar, ou até mesmo por serem obrigados pelos responsáveis que tentam perpetuar os seus costumes.

Certamente, este estudo não tem a pretensão de concluir qualquer questão em relação à festa de São Bernardo, contudo, procurou explicitar uma reflexão a respeito do tema que é bastante significativo, uma vez que o mesmo é um dos reflexos culturais intrínsecos da sociedade brasileira e, portanto, vai além dos limites da cidade de Alcobaça-Ba.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína; MORAES, Marieta de. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

AMARAL, Rita. *Festa à brasileira sentidos do festejar no país que “não é sério”*. 2001. Disponível em: ritaamaral@pobox.com

BARROS, José D’Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

- BORNHEIM, Gerd A. *Cultura brasileira: tradição contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- CANCLINI, Néstor García. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- D'ABADIA, Maria Idelma; ALMEIDA, Vieira e Maria Geralda de. Festas religiosas e pós-modernidade. *GEONORDESTE*. Goiânia, Ano XX, n. 2, 2009.
- DEL PRIORI, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FERREIRA, Maria Margareth. *As festas populares na expansão do turismo: a experiência italiana*. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.
- FERRETTI, Sergio F. Religião e Festas Populares. XIV *Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina*. Buenos Aires de 25 a 28 de setembro de 2007.
- GAMBER, Klaus. *A reforma da liturgia romana*. Teresina, s/d.
- MARCHI, Euclides. O sagrado e a religiosidade: vivências e Mutualidades. *História: Questões & Debates*. Curitiba, n. 43, 2005.
- MICHELOTO, Antônio Ricardo. Realidade e perspectivas das tradições religiosas na pós-modernidade. *INTERAÇÕES - Cultura e Comunidade*. Uberlândia, v., 3 n. 3, 2008.
- NORONHA, Vânia. “O LAZER EM DEBATE” *Teorizando a Festa*. BH. Coletânea X Seminário, 18 a 20 de abril de 2009.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- PETRUSKI, Maura Regina. *Julho chegou... e a festa também: Sant'Ana e suas comemorações na cidade de Ponta Grossa (1930-1961)*. Tese de Doutorado. Curitiba, Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2008.
- SAID, Fabio Medeiros. *História de Alcobaça-Bahia (1772-1958)*. São Paulo: Edição do autor, 2010.
- SANTOS, Fernanda Reis dos. “A Festa do excelso Padroeiro da Cidade das Palmeiras”: o culto à São Bartolomeu em Maragogipe (1851-1943). Dissertação de Mestrado. Bahia, Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2010.
- XIMENES, Sérgio. *Minidicionário Ediouro da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2000.
- VIEIRA, Erlei Antonio. *Os ritos: como um dos eixos organizadores do currículo do ensino religioso e a formação do professor*. Curitiba: PUC, 2006.
- ZALLUAR, Alba. *Os Homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

¹ Compreende-se como profano as práticas econômicas que circundam a festa religiosa em louvor a São Bernardo de Claraval, sejam elas diretas ou indiretas.

² A comemoração religiosa dedicada ao santo acontece desde o ano de 1772 quando de acordo com Hooij (2002) foi realizada a primeira procissão e missa dedicada a São Bernardo após a aclamação da Vila de Alcobaça.

³ Segundo Said (2010, p. 30), São Bernardo nasceu em 1090 ou 1091 no “Castelo de Fontaine, próximo de Dijon (França)”. Ainda jovem com 22 a 23 anos de idade resolveu ser monge da Ordem dos Cistercienses, ramo da antiga Ordem de São Bento (conhecidos como beneditinos). Bernardo faleceu no dia 20 de agosto de 1153, sendo canonizado em 1165.

⁴ Todos os nomes e sobrenomes dos entrevistados foram abreviados para preservar suas identidades.

⁵ Essas informações foram obtidas através de entrevista, concedida aos autores pelo Sr. J. N. (colaborador paroquial e membro de algumas comissões da festa de São Bernardo).

⁶ A irmandade de São Bernardo foi criada em 1899, com a função de organizar a festa religiosa em homenagem a S. B. e ajudar na manutenção da igreja. Desde 1990 ela passou a ter uma representação simbólica na Igreja Matriz de S.B. e também na festa, deixando de exercer a função organizadora da festa do padroeiro. Entrevista concedida à autora pelo Sr. R. dos S. S. (nascido e criado na cidade de Alcobaça, colaborador paroquial e presidente da Irmandade de São Bernardo) no dia 19 de julho de 2012.

⁷ Entrevista concedida aos autores pela Sra. L. A. (moradora da cidade de Alcobaça há 40 anos e devota de São Bernardo).

⁸ Entrevista concedida aos autores pelo Frei E. H. (ex-pároco da Igreja Matriz de São Bernardo, atual responsável pelas paróquias das comunidades rurais de Alcobaça, celebrante de várias missas e novenas dedicadas a São Bernardo e um dos padres convidados para as celebrações dos rituais religiosos presentes nas festas de S. B.).

⁹ Entrevista, concedida aos autores pelo jovem D. B. S. (Um dos fogueteiros responsáveis pelos fogos de artifício da festa de São Bernardo).

¹⁰ O bozó referido no texto era um pequeno pedaço de papel onde se escreviam brindes variados ou eram deixados em branco, sendo misturados em grande quantidade em um recipiente e vendidos por valor único, os compradores de cada bozó tentavam ganhar algum brinde.

¹¹ Entrevista concedida aos autores pelo Sr. D. S. M. (colaborador paroquial, membro de coral adulto que canta tradicionalmente nas festas religiosas de São Bernardo e um dos fiscais de festa da prefeitura entre os anos de 2004 a 2008).

¹² Entrevista concedida aos autores pela jovem M. F. da C. (moradora da cidade de Alcobaça há 23 anos)

¹³ Entrevista concedida aos autores pela jovem J. R. R. (nascida e criada na cidade de Alcobaça há 19 anos)

¹⁴ Entrevista concedida aos autores pela Sra. L. O. S. (colaboradora paroquial, devota de São Bernardo e membro de algumas comissões da festa de São Bernardo)

¹⁵ Entrevista concedida aos autores pela Sr. M^a do C. N. A. (nascida e criada na cidade de Alcobaça há 58 anos)